

## **Apercepção da violência institucional em sala de aula por discentes de uma Universidade Pública do Estado do Pará**

Students perception of institutional violence in the classroom of a Public University in the State of Pará

Percepción de violencia institucional em el aula por estudiantes de una Universidad Pública del Estado de Pará

Recebido: 03/04/2021 | Revisado: 11/04/2021 | Aceito: 14/04/2021 | Publicado: 27/04/2021

**Sandra Maria da Conceição Moura Alves**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4174-8392>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: [sanndra.moura16@gmail.com](mailto:sanndra.moura16@gmail.com)

**Marcos Valério Santos da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7824-0042>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: [marcossilva@ufpa.br](mailto:marcossilva@ufpa.br)

### **Resumo**

O presente estudo aborda as possíveis ocorrências de práticas violentas manifestadas no espaço relacional da sala de aula cujo objetivo consiste em analisar a percepção de discentes universitários sobre violência institucional apresentada em sala de aula e as repercussões em suas vidas. Estudou-se, ainda, a influência do fenômeno violência, em sala de aula, identificando-se as possíveis manifestações mais frequentes da violência, propondo-se, ainda, a gerar subsídios para realização de medidas de promoção e prevenção que favoreçam um ambiente de estudo e preparação profissional mais acolhedor e saudável. Realizou-se um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, por meio de entrevista semiestruturada, com 20 discentes pertencentes a um programa de assistência psicossocial estudantil de uma instituição pública de ensino superior do Estado do Pará. Na análise dos dados aplicou-se a técnica da análise de conteúdo a partir de categorias emergidas das informações fornecidas pelos participantes da pesquisa. Verificou-se que a violência verbal apresenta-se, demasiadamente, marcante e expressiva, apesar de outras formas de manifestação também fazerem-se presentes. A relação discente-discente mostrou-se a mais afetada por atitudes/atos de violência, sendo essas manifestações violentas capazes de acarretar em impactos negativos diversos na vida dos discentes, em sua saúde física e emocional, bem como em seus estudos e relações com família e amigos. Conclui-se que a sala de aula no âmbito institucional universitário configura-se como um ambiente passível de se deflagrar violência, podendo conduzir a consequências nocivas à natureza humana.

**Palavras-chave:** Violência educacional; Espaço relacional; Universidade; Práticas violentas.

### **Abstract**

This study addresses the possible occurrences of violent practices manifested in the classroom relational space whose objective is to analyze the perception of university students about institutional violence which is presented into the classroom and how it affects their lives. It also was studied the influence of the phenomenon in the classroom, identifying the most frequent manifestations of violence, and also trying to create subsidies for carrying out promotion and prevention measures that aim an environment of more welcoming and healthy study and professional preparation. This research adopted a descriptive study way, with a qualitative approach, using a semi-structured interview, with 20 students belonging of psychosocial assistance program of a higher public education institution in the State of Pará. The data analysis was based on categories that emerged from the information provided by the participants of this research. Then, the verbal violence was found as really striking and expressive, although the other violence manifestation ways are also present. The student-student relationship was proved to be the most affected by attitudes or acts of violence, and these violent manifestations are capable to bring different negative impacts on the student's lives, and on their physical and emotional health, as well as on their studies and relationships with family and friends. Therefore, the classroom in the institutional university context can be shown as an environment where violence can be triggered, which can result in harmful consequences to human nature.

**Keywords:** Educational violence; Relational space; University; Violent practices.

## Resumen

El presente estudio aborda las posibles ocurrencias de prácticas violentas manifestadas en el espacio relacional del aula cuyo objetivo es analizar la percepción de los estudiantes universitarios sobre violencia institucional presentada en el aula y las repercusiones en sus vidas. También se estudió la influencia del fenómeno de la violencia en el aula, identificando las posibles manifestaciones de violencia más frecuentes, y también proponiendo generar subsidios para la realización de medidas de promoción y prevención que favorezcan un ambiente de estudio y preparación profesional más acogedor y saludable. Se realizó un estudio descriptivo, con enfoque cualitativo, mediante entrevista semiestructurada, con 20 estudiantes pertenecientes a un programa de asistencia psicosocial estudiantil de una institución pública de educación superior en el Estado de Pará. En el análisis de datos se aplicó la técnica de análisis de contenido con base en categorías que surgieron de la información brindada por los participantes de la investigación. Se encontró que la violencia verbal es demasiado llamativa y expresiva, aunque también están presentes otras formas de manifestación. La relación alumno-alumno resultó ser la más afectada por actitudes / actos de violencia, y estas manifestaciones violentas son capaces de generar diferentes impactos negativos en la vida de los alumnos, en su salud física y emocional, así como en sus estudios y relaciones con familiares y amigos. Se concluye que el aula en el contexto institucional universitario se configura como un entorno que puede desencadenar violencia, lo que puede derivar en consecuencias nocivas para la naturaleza humana.

**Palabras clave:** Violencia educativa; Espacio relacional; Universidad; Prácticas violentas.

## 1. Introdução

A violência é um fenômeno eminentemente social que surge na forma como se configuram as interações humanas e a relação dos homens para com a natureza, em um determinado contexto histórico e social, visando atender aos diversos interesses da sociedade, não emergindo, assim, como um fenômeno exclusivo da contemporaneidade. Dessa forma, em suas diferentes facetas, faz parte das transformações histórico-sociais da humanidade, podendo ser notada em todos os modelos de sociedade (Oliveira, 2019).

Com o crescimento e desenvolvimento da violência, em 1990, a Assembleia Mundial de Saúde (World Health Organization [WHO]) a reconhece de forma internacional como um dos principais problemas de saúde pública e, entre 1993 e 1994, passa a ser analisada, nas Américas, pela Organização Pan-Americana de Saúde, fazendo emergir, assim, propostas de ações de caráter preventivo (Organização Pan-Americana de Saúde [OPAS]2019).

A Organização Mundial de Saúde (OMS), almejando o enfrentamento do problema, voltando-se, principalmente, para sua prevenção, divulga, no ano de 2002, o Relatório Mundial sobre violência e saúde, no qual o define como “o uso intencional da força ou do poder real ou ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (Krug et al., 2002, p. 5).

Em atenção à solicitação da Assembleia de Saúde Pública, a OMS tipifica violência em três categorias: autoinfligida (comportamento suicida e auto abuso), interpessoal (violência familiar e de parceiro(a) íntimo) e violência comunitária. Além dessas tipologias, designa também um segundo nível de categorização, considerando a natureza dos atos identificados como: Física, Sexual, Psicológica, Privação ou Negligência (Krug et al., 2002). Ademais, Minayo (2006) acrescenta a essas tipologias a violência estrutural (processos sociais, políticos e econômicos) que serve de base para a maioria dos tipos de manifestação supracitados.

Apesar de não serem universalmente aceitas, essas tipologias são úteis na compreensão dos diversos tipos de manifestações violentas tanto no cotidiano individual e coletivo quanto na sociedade ao qual fazem parte. Classificar a violência confere-lhe um grau de relevância pelo leque de possibilidades que apresenta (Dahlberg & Krug, 2007).

Neste contexto, a violência passa a ser um problema de saúde pública, cujos impactos repercutem nos serviços de saúde, requisitando atenção e cuidados dos serviços médicos e hospitalares, até então, estruturados para atender as demandas do setor. Assim, pela sua peculiaridade, os eventos violentos requerem políticas públicas específicas e organização de serviços para sua prevenção e tratamento (Minayo, 2005).

A grande repercussão da violência e as atrocidades capazes de serem provocadas vêm sendo objeto de preocupação no setor educacional, no qual o saber linear e as múltiplas concepções de mundo no interior dos grupos, pode fazer emergir um ambiente de intenso conflito, capaz de produzir atitudes violentas (González-Gómez, Zutta-Arellano & Perugache-Rodríguez, 2016).

Assim, ainda nos anos de 1980, diversos países preocuparam-se em estudar violência nos cursos de graduação, apresentando resultados que indicam a sua crescente ocorrência no âmbito do ensino superior, seus fatores determinantes e consequências na saúde física e mental dos acadêmicos. No Brasil, se comparado aos demais países quanto aos estudos sobre a temática, não se obteve o mesmo avanço e desenvolvimento na produção do conhecimento científico (Peres et al., 2014).

Nesse entendimento, estudar o “locus” de sala de aula universitário é compreender seu dinamicismo e sua complexidade, pois ao mesmo tempo em que é um ambiente de aquisição e construção de saberes, também é local onde relações interpessoais são desenvolvidas, em suas variadas formas, possibilitando elucidar ambiguidades e contradições existentes capazes de incitar violência (Rocha, 2014).

Portanto, este artigo tem por objetivo analisar a percepção de discentes universitários sobre violência institucional apresentada em sala de aula e as repercussões em suas vidas.

## 2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa - cujo propósito baseia-se na obtenção de fatos, ideias, crenças, opiniões - que, por sua flexibilidade e possibilidade, contribuiu na ampliação do processo interativo entre pesquisador e pesquisado (Minayo, 2012). A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, gravada (Minayo, 2012), além de pesquisa documental e cotejo a fontes de evidências literárias, sobre violência institucional em sala de aula e a repercussão na vida de universitários (Pereira et al., 2018).

As entrevistas ocorreram sob sigilo, de forma individual (pesquisador-discente), com duração, em média, de 60 minutos, em uma sala reservada de um Serviço de Assistência Psicossocial ao Discente (SAPS) de uma instituição pública de ensino superior do Estado do Pará, Brasil.

O ambiente onde a pesquisa transcorreu consiste em um espaço de assistência à saúde mental ao discente, criado para atender os acadêmicos em sua instituição de ensino, visando proporcionar o bem estar físico e psicossocial, bem como contribuir na formação de um profissional humano e mais capacitado para a sociedade, desenvolvendo ações que possibilitem uma melhoria na qualidade de vida aos discentes, seja na universidade, nas relações de trabalho ou familiar, através de um espaço de acolhimento e elaboração de conflitos e angústias (Universidade Federal do Pará [UFPA], 2018).

Participaram da pesquisa 20 (vinte) discentes que preenchiam os critérios de inclusão ao estudo (estar devidamente matriculado e frequentando os cursos de graduação ou pós-graduação, e contemplar a faixa etária entre 18 e 60 anos ou mais), mediante convite fornecido aos ingressantes do serviço, no período de fevereiro a maio de 2019, os quais constavam da lista de registro do sistema informacional do SAPS e que optaram por participar da pesquisa até obter o número necessário de participantes. A seleção dos discentes teve como base a técnica de saturação teórica, na qual a partir de um determinado quantitativo de entrevistados a qualidade do material coletado (diálogos) pouco tem a acrescentar/agregar de substancialmente novo aos tópicos abordados durante a entrevista (Fontanella, Ruas & Turato, 2008)

Os dados coletados foram tratados por meio de processo de transcrição fidedigna, análise e interpretação, respectivamente, com base na “análise de conteúdo categorial” proposta por Bardin (2010), a qual visa levantar categorias – classificações – emergidas das falas e significações dos participantes, que culminaram nas seguintes unidades temáticas:

- Percepção de violência em sala de aula e suas influências na vida dos acadêmicos.
- Sugestões dos universitários para um ambiente mais acolhedor e menos propício a práticas violentas.

Em atenção aos critérios éticos, os participantes deste estudo tiveram preservadas suas identidades, sendo utilizados letra e números (exemplo: E01, E02, ...) na identificação de suas entrevistas como forma de garantir seu anonimato. Ademais, esta pesquisa pautou-se nas recomendações constantes da Resolução n. 466 (2012) a fim de garantir sua exequibilidade. Dessa forma, o projeto de pesquisa foi apresentado e avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde (ICS) da UFPA, sendo aprovado sobre o CAAE 03337018000000018, parecer nº 3.202.450.

### 3. Resultado e Discussão

#### 3.1 Perfil dos participantes

A pesquisa permitiu, primariamente, traçar o perfil dos discentes que fizeram parte das entrevistas a fim de caracterizar sociodemograficamente o universo do estudo e poder, dessa forma, compreender os diversos ambientes institucionais, nas mais diversas áreas, os quais podem estar susceptíveis ao processo de violência.

Dentre os entrevistados foi possível observar uma maioria abrangendo a faixa etária principalmente entre 21 a 30 anos, além da predominância do sexo feminino, contemplando o estado civil solteiro, com residência junto a familiares, sendo os cursos da área da saúde os de maior predominância seguido aos de pós-graduação (mestrado e doutorado). Comparativamente, houve semelhanças ao perfil sociodemográfico ao estudo de Rosa et al. (2014) realizado com acadêmicos de um curso da área da saúde o qual indicou, ainda, que problemas relacionados à autoestima e ao comprometimento emocional estariam associados às exigências inerentes ao curso e às vivências do meio externo à universidade.

Ademais, em sua pesquisa, com acadêmicos de uma Universidade de Fortaleza, por sua vez, Godinho et al. (2018) ao tece o perfil de seus participantes não encontrou relação existente entre fatores sociodemográficos com atitudes violentas. Entretanto, apesar de fatores sociodemográficos como faixa etária, pessoas com quem residem e estado civil não revelarem associação com violência autorreferida, sexo e raça encontram-se elencados e associados a algumas práticas violentas narradas pelos discentes entrevistados nesta pesquisa.

#### 3.2 Apercepção de violência em sala de aula e suas influências na vida dos acadêmicos

A violência institucional - qualquer tipo de violência exercida no âmbito da instituição pública ou privada, com ou sem fins lucrativos, praticadas contra pessoas - está no cotidiano de hospitais, escolas e universidades, reproduzindo as injustiças oriundas das estruturas sociais por intermédio de suas normas, regras, relações burocráticas e políticas, incorporando a violência interpessoal em um cenário de insultos, ameaças, agressões (Ribeiro, 2011).

Dessa forma, poderia o ambiente de sala de aula institucional por si só configurar-se como a gênese das manifestações de violência, ou as experiências extrainstitucionais acabam interferindo diretamente no deflagrar do fenômeno?

Neste contexto, a violência pôde ser entendida e vivenciada, pelos discentes deste estudo, a partir de perspectiva e caráter físico, verbal, emocional, psicológico, moral e abalo do bem estar, com a finalidade de afetar o próximo, de alguma forma. E03: *“Tenho ideia de violência uma coisa que é ruim pra outra pessoa. Pra mim e pra outra pessoa. Então tudo o que fere o meu direito de estar bem, pra mim é uma violência. Desde, sei lá, agressão até um falar estranho, um falar que ofenda, tudo...”* E06: *“...violência seria todo ato que agride o outro, que desrespeita o outro, que você acaba causando um dano para a pessoa, seja físico, seja psicológico, seja emocional...”*

A maioria dos entrevistados compreendeu ser, a universidade, um espaço propício à manifestação de variadas formas de violência, E16: *“É desde cunho político acadêmico até as formas ignorantes de violência: racismo, homofobia, que estão instaladas na universidade, e ali apesar de ser um outro mundo, um mundo de produção de conhecimento, é só um muro que separa a realidade da universidade, e as coisas que acontecem aqui fora, acontecem lá dentro”*.

Ademais, indicam ainda que o espaço relacional de sala de aula, impulsionado por um conjunto de fatores, também, é um ambiente sensível à violência. E.02 “[...]sou excluído mesmo na sala [...] isso continua, menos o bastante, porque fiquei mais seletivo; [...] não que justifique meu erro, mas eu estava no meu limite e eu falei coisas que não consigo lembrar, mas ofensas mesmo [...]”. E.06: “Em sala de aula? Desrespeito entre alunos, desrespeito entre professor e aluno, tanto da parte do aluno quando o agride o professor quanto da parte do professor que também agride o aluno e que também se impõe de uma forma muito agressiva, muito rude, estúpida[...]”. E.08 “Pode ser da mesma forma [a violência] que acontece no âmbito da faculdade, no caso, entre colegas e também entre professor e aluno [...] por exemplo, um colega xingar o outro é o mais comum [...]de forma pejorativa, para ferir.”

A ocorrência da violência entre pares foi referida, em sua maior proporção, entre os discentes e em proporções menores entre discente-docente, seguidos dos que relataram “não ocorrer violência”.

As instituições de ensino, apesar de proporcionarem um espaço de educação, socialização e formação do indivíduo, podem estar susceptíveis à desigualdade entre pares (discentes, docentes, demais profissionais), o que corrobora com a emergência de violência, a qual pode ser vista como natural ou ser ignorada e/ou desvalorizada (Scherer et al., 2015).

Dentre os tipos de violência presenciados, vivenciados e/ou praticados, destacam-se as violências: verbal, moral, psicológica, de gênero e psicomoral. Os relatos dos entrevistados conduzem à inferência de que muitas vezes os discentes acabam por não reconhecer atos, atitudes, ações, comportamentos como de natureza violenta, pelo desconhecimento, por vezes, das tipologias que classificam violência ou pelo processo social que culmina em banalização do fenômeno. As manifestações violentas integram uma série de comportamentos os quais, quando comparados aos atos e atitudes agressivos, têm a finalidade de “ferir” o próximo o qual se tornou alvo da prática de violência (Sales & Souza, 2012). Na pesquisa, citada com unanimidade, a violência verbal sugere ser a forma mais executada se comparada às demais formas de violência, tornando-se, dessa forma, uma marca no cotidiano em sala de aula. E.01 “[...]existem inúmeras discussões em sala de aula; a gente nunca chegou pra agressão física, mas sempre indagando o fato de a pessoa não pensar do mesmo jeito que eu, então a gente acaba agredindo verbalmente.”

O bullying, tipificado como uma violência verbal por Priotto e Boneti (2009), configura-se como uma tipologia da violência educacional, por constituir-se em um conflito relacional entre pares, manifestado por assédio e intimidação, sendo um problema psicossocial que também ocorre em meio acadêmico, entretanto, sob uma nova expressão: relacionada ao abuso de poder em forma de críticas destrutivas, provocações elaboradas, piadas, entre outras maneiras de intimidação (García Peña et al., 2013).

Neste sentido, Pinto, Alpes e Colares (2019) indicam que o bullying encontra-se inserido no contexto das violências interpessoais, interpares, sob forma de atitudes agressivas, intencionais, repetidas e veladas, permeados por uma “relação desigual de poder”, podendo acarretar prejuízo no percurso acadêmico e na saúde dos envolvidos.

Na contemporaneidade, os avanços tecnológicos deram origem a mais uma forma de expressão desse fenômeno, a virtual, que pela utilização de aparelhos de comunicação, entre os quais celular e internet, podem representar mais uma forma avassaladora de violência (Silva, 2010).

E.08: *Eu fico mais estressada, ansiosa. Por exemplo, tem muita discussões no grupo [de whatsapp] da turma”. E.15: “[...] acontece em grupos de whatsapp; eu já vi discussão entre os alunos mesmo de forma pesada [...] mas também em sala de aula tem [discussão entre os alunos]”.*

De fato, fora possível perceber e inferir que, por vezes, as relações assimétricas iniciam-se no interior da sala de aula, mas pela “falta de coragem” em expressar insatisfação em relação aos seus pares, “face a face”, muitos discentes se apropriam das redes sociais, em forma de grupo de sala de aula (meio, também, de vínculos e relação interpessoal), para difundir e

proferir agressões, sejam das mais variadas naturezas, e acabam configurando a violência que se inicia no âmbito institucional Universitário, mas que acaba extrapolando esse *locus*.

Vale ressaltar, que a violência psicomoral - ofensas à dignidade e desrespeito os direitos do outro, expondo-o a ameaças, medos, constrangimentos, humilhações e pressão psicológica - faz-se presente no cotidiano das pessoas deste estudo.

É neste entendimento que a pesquisa de Baldwin et al. (1991), em 10 (dez) academias médicas nos Estados Unidos, aponta que quase a totalidade dos entrevistados vivenciou ao menos um tipo de maus-tratos ou assédio, sendo a maior parte de natureza psicológica, quer humilhação ou depreciação, no decorrer da vida acadêmica. Ademais, outras pesquisas realizadas no início do ano 2000 ratificaram altas ocorrências dos atos violentos e seu impacto na auto estima e na saúde mental dos estudantes, gerando insegurança e medo (Peres et al.,2014).

Quanto aos comprometimentos à saúde física e emocional, os discentes indicaram influências negativas para sua vida acadêmica como: falta de vontade em ir à faculdade, nervosismo/revolta, dificuldade de concentração nos estudos e de aprender a disciplina, abandono do curso/semestre; bem como, na vida pessoal representadas por tristeza, humor agressivo, medo e ansiedade. E08: *“eu fico mais estressada, ansiosa [...] é mais uma violência psicológica [por ser representante de turma], porque eles me cobram muito de uma coisa que não é minha obrigação eu estou fazendo para ajudar a turma [...]”*. E14: *“Tristeza, [...], às vezes causa ansiedade, angústia, influencia diretamente no emocional...”* Deve-se considerar, portanto, que experienciar violência é uma forma de estresse, com características próprias, que corrobora com o comprometimento emocional (Assari & Lankarani, 2018).

E11: *“Influencia [violência] no comportamento do outro principalmente no que diz respeito a autoestima e o comportamento em questão de concentração nas aulas[...]Muitas influências que houveram, por exemplo, a falta de concentração, não querer vir para a faculdade para não encontrar aquela pessoa ou não querer que aquela atitude [violência] se torne recorrente”*.

Outros estudos também referem comprometimento à saúde física e emocional dos discentes, em seu cotidiano universitário. Ansiedade, depressão e comportamento suicida são os três maiores problemas de saúde mental entre universitários que vivenciaram violência (Assari & Lankarani, 2018; Pedrelli et al., 2015). Sentimentos de rebaixamento da auto estima e intenso estresse, também, foram apresentados em estudo com acadêmicos do curso medicina (Peres et al.,2014).

Não obstante, a falta de controle emocional, a estruturação e educação no âmbito familiar, a divergência de pensamentos, ideias e ideologias, questões que permeiam o trabalho - excesso e/ou falta - e a própria falta de conhecimento, puderam ser apercebidos como fatores capazes de corroborar com violência em sala de aula. E06: *“Descontrole emocional, falta de estrutura familiar eu penso que influencie muito nesse tipo de comportamento [violento], às vezes a pessoa é vítima de violência dentro de casa e aí ela acaba tendo um comportamento mais agressivo”*. E11: *“Eu acho que o estresse nos outros aspectos da vida, os estresses nas coisas da faculdade acabam deixando a gente mais propício a cometer atos de violência”*. E17: *“É um sistema de defesa [...] tem a questão de autoafirmação”*.

Portanto, a “violência é gerada também pela incapacidade de indivíduos e grupos em lidar com as frustrações, aceitação de diferenças, e fragilidades em assumir pressões vivenciadas no cotidiano” (Almerab, 2017, p.35). Outrossim, essas atitudes, não se constituem unicamente de questões institucionais, abrange também outros contextos como família, mídia, economia, que juntos refletem no interior das relações pedagógicas, podendo desencadear situações geradoras de conflito (Cruz & Pereira,2013).

### **3.3 Sugestões dos universitários para um ambiente mais acolhedor e menos propício a práticas violentas.**

Estudos indicam que episódios de violência no campus universitário ainda se mostram em porcentagens estatísticas baixas, mas, apesar disso, países desenvolvidos sugerem a intensificação de estratégias, a fim de coibir possíveis “recidivas”,

uma vez que a violência em instituições educacionais é capaz de afetar pessoas no campus, próximas, e à comunidade ao entorno (Regehr et al., 2017).

Neste sentido, uma Universidade no Equador, preocupada com a qualidade de vida de seus discentes, desenvolve projeto, entre pares (discentes-discentes), com ações voltadas para a promoção da saúde de seus acadêmicos, apresentando categorias determinantes do ambiente universitário saudável, nas quais encontram-se a prevenção da violência e da discriminação (Rivadeneira-Guerrero, 2020).

Com base nas narrativas foram indicadas como sugestão para um ambiente mais acolhedor e menos propício a práticas violentas, medidas de intervenção voltadas para promoção e prevenção de saúde, relacionadas à violência, como palestras e conscientização tanto a discentes quanto docentes sobre o tema, organização acadêmica quanto a questões logísticas e administrativas, sendo também sugerido, por uma minoria dos entrevistados, medidas como punições e advertências contra os praticantes de eventos violentos.

*E1. “O ideal é que sempre haja o diálogo [...] tanto pra discente quanto pra docente acho que seria legal, uma interação melhor entre os Centros de ajuda e a sala de aula. Seria a nossa universidade disponibilizar [...]. Conversar e mostrar os pontos porque às vezes as pessoas não conseguem identificar quais seriam os causadores da possível, depressão ou tristeza dela. Fadiga, falta de vontade de estudar e principalmente, conversar e agir como precursora ao invés de só cuidar depois, mas curar antes também.*

*E06: “[...] procurar ver formas, com outros professores, de organizar o cronograma, para não sobrecarregar muito o aluno, no sentido de não passar tanto seminários no mesmo período, tentar colocar provas que se intercalem, não muitas provas em mesmo período, conteúdo que se acumulem muito, porque isso também gera um desgaste, um estresse [...]”. E07: Uma punição, advertência por conta da faculdade mesmo. Porque às vezes acontece alguns episódios [de violência], os alunos até relatam para os superiores do curso, mas nada acontece, e é visto como natural e normal. E14: “O primeiro ponto seria [...] tratar sobre violência com os professores, todos os tipos. Tem professores que não entendem que sua forma agressiva de agir, excessivo pedido de atividades, de que o aluno seja um exemplo, são formas de agressão também; depois a gente [discentes] pode experimentar a mesma coisa [esclarecimento sobre violência] mas a experiência vai ser diferente, cada um tem a sua especificidade [...]. Quando a gente tem um espaço pra visualizar as questões de agressão e percebê-las, pode não perceber naquele momento, mas sugere que a gente vá pensando, [...] o principal para acabar com a violência é o diálogo e refletir sobre as relações interpessoais.*

Esta pesquisa não apresenta conflito de interesses. Contudo, a escassez literária nacional sobre a temática bem como a perspectiva unilateral de como se configura violência no ambiente universitário de sala de aula, mostram-se como fatores limitantes da pesquisa, uma vez que a abordagem da literatura internacional limita-se a uma realidade a qual pode não ser compartilhada no Brasil, e os olhares de demais profissionais do “locus” universitário também são de suma importância para visualização e contemplação do fenômeno em sua integralidade.

#### **4. Considerações Finais**

Esta pesquisa possibilitou tecer um perfil panorâmico de como a violência institucional instala-se socialmente não estando a Universidade e a sala de aula menos atingidas por seus efeitos. Com isso, foi possível perceber que a violência pode fazer-se presente nos mais variados cursos de graduação e pós-graduação da Universidade, gerando impactos negativos na vida de seus acometidos, os quais ora já presenciaram, ora vivenciaram, ora praticaram as mais variadas formas de atos e/ou atitudes violentos.

Ademais, pode-se inferir que violência institucional não está presente nas normas, padrões e hierarquia que regem as instituições, os quais sempre se fizeram presente nas relações cotidianas, mas estes acabam por deflagrar violência no

momento em que se infringe o “ideal” de sua aplicação, contribuindo para que as relações assimétricas emergjam, podendo instituir os mais diversos conflitos.

Ações preventivas devem ser intensificadas, ajudando a compreender as adversidades da vida, gerando subsídios para realização de medidas de promoção e prevenção que favoreçam um ambiente de estudo e preparação profissional mais acolhedor e, conseqüentemente, menos propício ao adoecimento, resguardando, assim, a saúde dos acadêmicos, favorecendo a formação de profissionais que sejam capazes de atender as demandas individuais e coletivas da sociedade.

Não obstante, novos estudos sobre a temática devem ser encorajados, no intuito de conhecer ocorrências violentas no ambiente universitário visando a promoção da qualidade de vida individual e coletiva em um ambiente (sala de aula) onde demasiadas formas de trocas se estabelecem, sejam de saberes, conhecimentos, experiências, vivências. Dessa forma, busca-se abranger a comunidade universitária em sua totalidade e contemplar a integralidade da situação apresentada.

## Agradecimentos

Agradecemos aos vinte discentes que participaram das entrevistas pela confiança, pela reciprocidade e pelo compartilhamento de suas experiências. Agradecemos a Universidade Federal do Pará por possibilitar o desenvolvimento desta pesquisa bem como ao Serviço de Assistência Psicossocial ao discente por contribuir permitindo compartilhar de ideias que são experienciadas pela demanda atendida.

## Referências

- Almerab, M., (2017). The phenomenon of students' violence at Hail University: prevalence, causes and suggested solutions from the students' perspective. *Int. J. Psychol. Couns.*, 9(6), 34-41.
- Assari, S. & Moghani Lankarani, M., (2018). Violence exposure and mental health of college students in the United States. *Behavioral Science*, 8(6), 53.
- Baldwin, D. C., Daugherty, S. R. & Eckenfels, E. J., (1991). Student perceptions of mistreatment and harassment during medical school. A survey of United States schools. *Western Journal of Medicine*, 155(2), 140-5.
- Bardin, L., (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Cruz, G. V. & Pereira, W. R., (2013). Diferentes configurações da violência nas relações pedagógicas entre docentes e discentes do ensino superior. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66(2), 41-50.
- Dahlberg, L. L. & Krug, E. G., (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178.
- Fontanella, B. J. B., Ruas, J. & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições básicas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27.
- García Peña, J. J., Moncada Ortiz, R. M. & Quintero Gil, J., (2013). El bullying y el suicídio em el escenario universitario. *Revista Colombiana de Ciencias Sociales*, 4(2), 298-310.
- Godinho, C. C. P. da S., Trajano, S. da S., Souza, C. V. de, Medeiros, N. T., Catrib, A. M. F. & Abdon, A. P. V., (2018). A violência no ambiente universitário. *Rev. Bras. Promoç. Saúde*, 31(4), 1-8.
- González-Gómez, M. P., Zutta-Arellano, D. & Perugache-Rodríguez, A., (2016). Violencia basada en género dentro del contexto universitario: visión de los administrativos, 2013-2015. *Rev Univ. Salud*, 18(2), 276-290.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy J. A., Zwi, A. B. & Lozano, R., (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Organização Mundial de Saúde. <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>.
- Minayo, M. C. S., (2012). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (31a ed.), Vozes.
- Minayo, M. C. S., (2006). *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz. Coleção Temas em Saúde.
- Minayo, M. C. S., (2005). Violência um problema para a saúde dos brasileiros. Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, p. 9-41. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- Oliveira, D. R. (2019). *A violência e o processo histórico de produção e reprodução humana e da sociedade*. (Microsoft Word - A VIOL\312NCIA E O PROCESSO HIST\323RICO DE PRODU\307\303O E REPRODU\307\303O HUMANA E DA SOCIEDADE.doc) (dominiopublico.gov.br).
- Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), (2011). *Conferência Mundial, sobre Determinantes da Saúde* [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2518:conferencia-mundial-de-determinantes-sociais-da-saude-2&Itemid=844](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=2518:conferencia-mundial-de-determinantes-sociais-da-saude-2&Itemid=844).

- Pedrelli, P., Nyer, M., Yeung, A., Zulauf, C. & Wilens, T., (2015). College students: mental health problems and treatment considerations. *Acad. Psychiatry*, 39, 503–511.
- Panúncio-Pinto, M. P., Alpes, M. F. & Colares, M. F. A., (2020). Situações de Violência Interpessoal/Bullying na Universidade: Recortes do Cotidiano Acadêmico de Estudantes da Área da Saúde. *Rev. Bras. Educ. Med.*, 43(1), <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190060>.
- Pereira, A. S., Shitsuka, D.M., Parreira, F. J. & Shitsuka, R., (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. UFSM.
- Peres, M. F. T., Barreto, A. D. L., Babler, F., Quaresma, I. Y. V., Arakaki, J. M. L. & Eluf-Neto, J., (2014). Exposição à violência, qualidade de vida, depressão, e burnout entre estudantes de medicina em uma universidade estadual paulista. *Revista de Medicina*, 93(3), 115-2.
- Priotto, E. P. & Boneti, L. W., (2009). Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. *Revista Diálogo Educacional*, 9(26), 161-179.
- Rocha, J. M. C. A., (2014). *Universidade como organização: espaço de pesquisa e formação em crise*. [http://www.fapb.edu.br/media/files/2/2\\_108.pdf](http://www.fapb.edu.br/media/files/2/2_108.pdf).
- Regehr, C., Glancy, G. D., Carter, A. & Ramshaw, L. A., (2017). Comprehensive approach to managing threats of violence on a university or college campus. *International Journal of Law and Psychiatry*, 54, 140–147.
- Rivadeneira-Guerrero, M. F., Sola-Villena, J. H., Maria Cristina Chuquimarca-Mesquitara, M. C., Ocaña-Navas, J. A., León-Guanín, A. G., Dávila-Vargas, M. S., Villalba-Vásquez, J. J. & Condor-Salaza, J. D., (2020). Experiência e resultados de um processo educacional interdisciplinar para a promoção da saúde em estudantes universitários. *Para promoc. Saúde*, 25(2), 109-123.
- Rosa, R., Boing, A. F., Schraiber, L. B. & Coelho, E. B. S., (2010). Violência: conceito e vivência entre acadêmicos da área da saúde. *Interface – comunicação, saúde, educação*, 14(32), 81-90.
- Ribeiro, A. M., (2011). Violência Institucional: vivência no cotidiano da equipe de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64(1), 84-90.
- Sales, M. P. & Souza. C. E. B. de, (2012). A manifestação da violência no espaço escolar. *Estação Científica*, 2(2), 55-64.
- Scherer, Z. A. P., Scherer, E.A., Rossi, P. T., Vedana, K. G. G. & Cavalin, L.A., (2015). Manifestação de violência no ambiente universitário: o olhar de acadêmicos de enfermagem. *Revista. Eletrônica de Enfermagem*, 17(1), 69-77. <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v17i1.22983>.
- Silva, A. B. B., (2010). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Objetiva.
- Universidade Federal do Pará. (PROINTER), (2019). *Serviço de Assistência Psicossocial*. 23 de março, 2021 de Ações de Saúde no Campus (ufpa.br).